

AGOSTINHO BARBOSA

O pai foi embarcar a França em 1925, ele entrou no NEA ELLAS em 1940, em Lisboa

Fernando Santos
LUSO-AMERICANO

Muita da história pessoal de Agostinho Barbosa está nas paredes da sala de estar da sua residência na Jackson Street de Newark. Em boa parte, a sucessão de 36 placas, certificados e proclamações é a história do seu longo relacionamento com instituições de Newark e do Ironbound que o tornaram uma figura pública na cidade de Newark e uma figura comunitária entre os residentes do Ironbound.

“De todas as distinções, a que eu mais apreciei foi a que recebi em 1985 do Ironbound Boys and Girls Club, que me considerou o Homem do Ano” - disse Agostinho Barbosa, sentado na “sala dos troféus” da sua residência, e explica: “É uma instituição a que eu tinha dado muito do meu tempo e dedicação e da qual cheguei a ser presidente da direcção”.

Tendo sido responsável pelas relações comunitárias do Newark Fire Department durante 19 anos (1972-1991), olha também com orgulho uma distinção que lhe foi entregue pelo mayor Sharpe James em 1991 e que está documentada por uma grande fotografia na sua sala de estar.

“Também tenho um apreço muito grande pela distinção que recebi quando em Agosto de 1991, quando fui considerado o Funcionário do Mês no Departamento de Bombeiros” - disse Agostinho Barbosa, cuja história de imigração começou num mês esquecido de 1940, quando um seu tio o foi levar de comboio a Lisboa para embarcar para a América, onde já se encontrava o seu pai Francisco da Silva Barbosa.

EM 1925...

“O meu pai Francisco da Silva Barbosa, conhecido na Murtosa por Francisco Cachinha, emigrou para os Estados Unidos em 1925, mas teve de ir a França apanhar o barco que o traria para as terras americanas” - lembrou Agostinho Barbosa, que nasceria no ano seguinte, lembrando o princípio do sonho que forçou o seu progenitor a atravessar várias vezes o Atlântico.

“Em 1929 houve aqui a depressão e em 1931 ou 1932 o meu pai foi a Portugal, mas ao fim de dois meses estava de regresso fixando-se em Lodi, onde viveu muitos anos trabalhando na construção civil, desde companhias pequenas de empreiteiros italianos até entrar numa das companhias históricas da área, a Brewster Construction” - disse Agostinho Barbosa, recuando na história da família.

As circunstâncias da vida faziam com que Francisco da Silva Barbosa estivesse nos Estados Unidos, enquanto a



Agostinho Barbosa na “sala dos troféus” na sua residência de Newark



Com a esposa Domingas no dia do casamento (1946) em Newark



Uma das primeiras fotos tiradas em Newark

esposa Maria José Moraes cuidava dos filhos em Portugal. mas isso foi só até um dia, segundo conta Agostinho Barbosa:

“O meu pai vivia aqui, mas a minha mãe estava em Portugal. Em 1938 o meu pai escreveu à minha mãe a dizer que as viagens não eram fáceis e que não tinha projectos de ir a Portugal a curto prazo. Aí, a minha mãe tomou a decisão de embarcar para a América nesse mesmo ano. Eu e os meus irmãos mais novos, o António e o Francisco, ficamos com a nossa avó,

sendo eu, em 1940, o primeiro a embarcar para junto dos pais. O António veio para cá em 1944, mas o Francisco, embora viesse cá, não quis viver na América. Eu vim porque, por um lado, eu não gostava da escola, e, por outro, porque o meu pai achou que era aqui que estava o futuro. Eu tinha, então 14 anos”.

1940...EM LISBOA

A ordem para Agostinho Barbosa apanhar um barco para a América saiu de Lodi, onde residia o pai:

“A verdade é que eu não

gostava muito da escola e, quando tinha 14 anos, o meu pai quis saber como é que ia ser o meu futuro. Como a escola não me atraía, não ia ser grande coisa e, então, ele mandou-me preparar as malas para vir para a América e enviou-me a carta de chamada.

Um tio meu foi levar-me a Lisboa de comboio e fiquei lá três dias à espera do barco que passava por lá uma vez por mês. Nesses três dias tive a oportunidade de encontrar o Joaquim Soares Carinha, que tinha servido em casa dos

meus avós, e que nos anos 50 seria um dos membros mais activos na comissão de construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Newark. O Carinha tinha casado e trocado a Murtosa por Lisboa. Embarquei e cheguei aos Estados Unidos em 1940, no barco grego NEA Ellas, que nos apanhou em Lisboa. Éramos 6 jovens e, por causa da minha idade, 14 anos, eu vinha a cargo duma senhora chamada Maria do Rosário, de 22 ou 23 anos. Demoramos 13 ou 14 dias a chegar cá. Eu era um dos mais novos, todos da Murtosa, vínhamos todos ter com os pais, a não ser o Manuel Silva “Piroletas”, já falecido, que vinha ter com um tio. A Maria do Rosário vinha ter com um dos irmãos.

Já fiz os meus 15 anos de idade na América.”

O CIGARRO DO FILHO E O CARRO DO PAI

O NEA Ellas atracou em Hoboken e Agostinho Barbosa ainda guarda muito bem vivas duas cenas do cais: A par da puxada de um cigarro que não escapou ao olhar condenatório do pai Francisco, Agostinho Barbosa iria ter uma surpresa com o transporte que o aguardava.

“Desembarcamos em Hoboken, cujo porto era mais barato que o de Nova Iorque. Nos três dias em que estive em Lisboa, toda a malta nova fumava e eu também comprei os meus cigarritos, tendo sobrado dois ou três para a chegada aos Estados Unidos. Eram da marca “Lucky Strike”.

O meu e a minha mãe foram-me buscar a Hoboken, levando consigo um senhor chamado Miguel, irmão do conhecido Padre Alberto. Eu saí do barco e puxei logo de um “Lucky Strike” enquanto esperava o encontro com o meu pai e a minha mãe. Conhecia a minha mãe perfeitamente, mas o meu pai já não era bem assim. Quando me apresentaram ao meu pai, vi logo que não tinha gostado do cigarro. Lá o atirei apressadamente para o chão, mas ouvi perfeitamente o meu pai

fizer muito admirado: “Ó rapaz, tú já fumas?”

Lá os acompanhei e o nosso transporte era um automóvel... propriedade do meu pai.

Quando vi o automóvel do meu pai, um Chevy de 1934, disse cá para comigo: O meu pai é um milionário. É que na Murtosa só havia dois automóveis, um era da família endinheirada Van Zeller e outro era de um antigo emigrante na América, chamado Fonseca, que teve uma loja na Market Street e tinha levado o carro a Portugal.

A loja do Fonseca tinha um endereço muito conhecido na Murtosa, era o 501 Market Street, porque era para esse endereço que eram enviadas todas as cartas que se dirigiam a pessoas que mudavam frequentemente de direcção. Era para esse endereço que nós enviávamos as cartas para o meu pai e lembro-me perfeitamente bem de escrever esse endereço. O meu era quem lhe matava os porcos.”

Newark não seria, contudo, cidade onde os Barbosas se radicariam. O destino foi Lodi e um apartamento da Main Street, onde o pai Barbosa morava juntamente com os amigos Miguel e o António Traça.

“Frequentei aí a Liberty Street School até 1943, porque, já com 16 anos, o que eu queria era trabalhar e ganhar dinheiro” - começa por contar Agostinho Barbosa lembrando os seus primeiros anos de América:

“Ora, o meu pai vinha muitas vezes a Newark, vinha às peixarias Conde, porque não havia bacalhau em Lodi. Ora, numa dessas vindas, o meu pai deixou-me oito dias em Newark em casa do Sr. António Campos, que tinha um filho, o David, que era meu amigo. A casa deles era onde hoje está a a Agência Arcos. Eles tinham dito que me iam arranjar um emprego. O David trabalhava numa fábrica de tratamento de peles de coelho na Frelinghysen Avenue e foi ali que comecei a

cont. pag. seg.

'De todas as distinções, a que eu mais apreciei foi a que recebi em 1985 do Ironbound Boys Club'



Agostinho Barbosa, pouco depois de chegar a América, rodeado dos pais - a mãe Maria José Morais e o pai Francisco da Silva Barbosa

cont. pag. ant.

trabalhar. O meu primeiro cheque foram 12 dólares em bruto (30¢ à hora) e os descontos para a Social Security, que já existia, foram 40¢. Doze dólares naquela altura pagavam a renda da casa, que foi quanto o meu pai foi pagar na Adams Street em 1943 por um apartamento com 3 quartos e banheira, uma raridade naquela altura. O meu pai trabalhava então na construção civil e tinha um cheque semanal superior que eu penso deveria estar nos 20 e tal dólares."

Em 1944, Agostinho Barbosa mudou-se para a fábrica Goldsmith Leather, em 121 Paris Street, uma fábrica de peles, que pagava entre 40 e 45 centavos à hora.

"Afinal, se emigrei, foi para ganhar dinheiro" - justifica. E foi com esse dinheiro que pôde ir fazendo algumas compras em lojas de que ainda mantém a memória.

COMÉRCIO

"A actividade comercial do Ironbound era nessa altura dominada pelos judeus, donos de várias lojas de ferragens e de roupas" - recorda Agostinho Barbosa:

"A única casa que mantém a mesma actidade desde esse tempo é a loja de ferragens Fonseca e Brito, agora Lopes e Filhos. Onde está o supermercado do Seabra era outra loja de ferragens, a Heller Hardware, onde com-

o restaurante Ibéria, pequeno, claro, que também era o "correio" dos portugueses, pois recebia as cartas que as namoradas e as esposas enviavam para os namorados e maridos. Quando eles regressavam do trabalho às 5 horas passavam por lá para beber um copo e levantar o correio. A Iberia Barber Shop, em frente, também é desse tempo e era lá que eu cortava o cabelo."

GRAVATA E CHAPÉU

Os tempos eram outros e, ao fim e ao cabo, o fato domingueiro era mesmo só para os dias e cerimónias solenes.

"Quando foi inaugurada a sede do Sport Clube Português, em Dezembro de 1941, o meu pai também lá esteve e eu nunca tinha visto tanta gente com gravata e chapéu. Depois, o Sport tornou-se local de paragem. Eu nunca conseguia ir para casa sem primeiro passar pelo Sport".

O Marítimo ir-se-ia tornar outro ponto de escala:

"O Sport Marítimo

taça na liga que disputava, tendo-a trazido para a sede e a taça aí permanecia até no ano seguinte ser encontrado outro vencedor. Esta taça era a Ballantines Cup.

Jogava o Frank Conde, o António Conde e o António Calcado (que ainda é vivo), entre outros. Num ano foram disputar a final não sei se a Filadélfia se a Pittsburg e perderam. Ora a equipa vencedora veio a Newark buscar a taça, só que... a taça, que sempre tinha estado na sede do Marítimo, tinha desaparecido. Ora isso era o assunto de todas as conversas entre os mais novos, todos com muita curiosidade sobre o paradeiro da taça e sobre o eventual autor do golpe.

Ora ninguém sabia do seu paradeiro. A taça tinha, contudo, um seguro e começou a ser trocada correspondência com a seguradora e esta acabou por dar a taça como perdida pagando o valor constante na apólice, \$1.000, dos quais recebemos \$900 e qualquer coisa.

Ora 15 anos depois a taça apareceu na sede do Marítimo dentro de uma caixa da companhia Goldsmith, a companhia onde eu trabalhava, pelo que entrei no grupo dos suspeitos, mas eu não tinha tido nada com isso. Ora, com este aparecimento incómodo, a taça voltou à clandestinidade. Pensa saber-se que sobreviveu até data incerta dentro de um barril de vinho na cave de uma casa perto da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. A taça, hoje, está no Marítimo."

BOMBEIROS

O nome de Agostinho Barbosa ficaria, contudo, ligado, sobretudo, aos anos que passou no Departamento de Bombeiros. E ele explica como isso aconteceu:

"A Goldsmith fechou em 1972 e eu, como era líder sindical, fui o último a sair. Ora em 1969 e 1970, Kenneth Gibson, que se iria tornar neste último ano o primeiro mayor afro-americano de Newark, estava em campanha contra o mayor titular Hugh Addonizio, e tinha o apoio do nosso sindicato. Gibson visitou a Goldsmith que tinha uns 220 empregados e eu é que o ia apresentando ao pessoal. Ora ele foi a muitas outras fábricas e lembraram-se de mim para o apresentar também noutros



Agostinho Barbosa e esposa Domingas, rodeados pelos filhos Frank (esquerda) e Augie



Terceiro na frente (esq/dir), com uma formação de bombeiros de Newark quando recebeu o Service Award (1986)



Sexto a contar da esquerda, Agostinho Barbosa também integrou a Comissão para a construção do Hospital da Murtosa nos anos 70

locais. Gibson foi eleito em 1970 e em 1972 fiquei eu sem emprego na Goldsmith. Continuei ligado ao grupo próximo de Kenneth Gibson e numa determinada altura fui proposto para responsável interno de Relações Comunitárias do Departamento de Bombeiros de Newark, que então tinha como director o senador Caufield, um grande apoiante de Kenneth Gibson. Desempenhei essas funções até me reformar em 1991."

Hoje, Agostinho Barbosa, embora reformado, continua como que entregue às suas funções de relações comunitárias, dando o seu tempo a iniciativas que vão surgindo e ao Sport Marítimo a cuja vida e direcção está "perpetuamente" ligado.

Se um dia escrever as suas memórias de 15 anos pós-reforma quase darão capítulos tão extensos como os da sua vida activa.



HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

AGOSTINHO BARBOSA:

"Quando vi o automóvel do meu pai, um Chevy de 1934, disse cá para comigo: O meu pai é um milionário" ...

prei a minha primeira banheira, redonda. Onde está o Lisbon Liquors, era a loja Rothhouser, onde se compravam rádios e frigoríficos quando eles começaram a aparecer. Mas o meu primeiro frigorífico foi comprado no Roman Jelly, onde hoje está o ABC, e tive de esperar 6 meses que ele chegasse. Era da marca Frigidaire. Tinha-me casado em 1946 e tinha-se de dar o nome e esperar que ele chegasse. O Tennbaum, numa esquina da Ferry, foi a loja onde comprei o meu primeiro fono nos Estados Unidos. Custou 17 dólares. O Luso-Americano estava pegado ao que era o Goldfingers e depois mudou-se para junto do Teatro do Ironbound, 100 Ferry Street. Em todas as esquinas havia uma farmácia, também propriedade de judeus."

Os negócios portugueses viriam mais tarde, mas havia já percursos:

"Nessa altura - diz Agostinho Barbosa - negócios portugueses havia apenas

Murtoense esteve no Sport mas mudou-se, depois, para a sede da Associação Fraternal Luso-Americana, na Walnut Street, hoje sede do rancho Roca-o-Norte. Aí por 1943 o João Amador (falecido), que era da minha idade e tinha qualquer posto na direcção, levou-me para o Marítimo, no segundo andar do prédio. A quota era de 25¢ por mês. A actual sede do Marítimo, na Clover Street, é dos anos 60, e desde essa altura tenho andado envolvido na direcção do Marítimo do qual fui presidente da direcção e assembleia geral vários anos".

A TAÇA DO MARITIMO

Durante o seu envolvimento no Sport Marítimo Murtoense, Agostinho Barbosa recorda um episódio que deu durante muito tempo para um capítulo na história da associação.

"Nos anos 50, o Marítimo tinha uma boa equipa de futebol e chegou a conquistar a